

Jung e o jardim das delicias: conversas com Hieronymus Bosch.

T. F. M. HAYEK¹; R. DIAS²; R. FREIRE²; L. G. DA SILVA²; R. GODOY².

Graduada em Artes Plásticas (Universidade Federal de Uberlândia), Mestre em Estética e História da Arte (Universidade de São Paulo), doutora em Educação, Arte e História da Cultura (Universidade Presbiteriana Mackenzie) . Docente do curso de Artes Visuais, Área da Educação do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro – UniÍtalo – São Paulo – SP - Brasil.

²Acadêmico do curso de Licenciatura em Artes Visuais, Área da Educação - Centro Universitário Ítalo-Brasileiro – UniÍtalo – São Paulo – SP - Brasil.

E-mail: prof.thaishayek@gmail.com

COMO FAZER A REFERÊNCIA DO ARTIGO:

HAYEK, T. F. M. et al. **Jung e o jardim das delicias:** conversas com Hieronymus Bosch. **UniÍtalo em Pesquisa**, URL: [www. Ítalo.com.br/portal/cepesq/revista eletrônica.html](http://www.Ítalo.com.br/portal/cepesq/revista_eletrônica.html). São Paulo SP, v.5, n.2 p. 386-409, Jul/2015.

RESUMO

Criação de um curta metragem de animação, sobre a obra de Hieronymus Bosch, “O Jardim da Delicias”. Será feita uma análise simbólica da obra, através da bibliografia da história da arte. A escolha de Jung para ser o espectador e fruidor da obra é devido a sua afirmação “ Bosch é o descobridor do inconsciente”. Os objetivos principais do presente projeto são: conhecer a produção de um curta metragem de animação (do roteiro a execução), mas também poder produzir uma nova possibilidade de interpretação dessa obra, aliados ao pensamento da psicologia analítica.

Palavras-chave: animação. stop motion. história da arte. hieronymus bosch. jung.

ABSTRACT

The creation of a short animation movie about the famous painting, "The Garden of Earthly Delights", by Hieronymus Bosch, and a symbolic analysis through the History of Art. The choice of Jung to base this study is because once he affirms: Bosch is the discoverer of the unconscious. This work aims to: know the production of a short animation movie (screenplay); and a new interpretation of this painting, based on the analytical psychology theory.

Keywords: animation. stop motion. art history. hieronymus bosch. jung.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa abranger algumas das indagações propostas pelos alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Centro Universitário Ítalo, sobre a animação e cultura digital, que levaram a criação do grupo de pesquisa Arte e Cultura Digital. Tais indagações nos levaram a três linhas de pesquisa: Técnicas de Animação, Arte e Tecnologia e Educação e Cultura Digital. A primeira linha de pesquisa visa conhecer as principais técnicas de animação, experimentar novas possibilidades de criação em arte digital através dessa linguagem. A segunda compreende uma linha de pesquisa que estuda artistas e animadores contemporâneos que utilizam-se de meios tecnológicos para criar suas obras. A terceira visa pesquisar as novas ferramentas no ensino de Artes, como softwares educativos e museus virtuais, bem como programas de edição de áudio e vídeo.

Dentro desse contexto buscamos um trabalho que pudesse dialogar com as três linhas de pesquisa, e também com a história da arte. Assim o projeto do curta metragem animado *Jung no Jardim das delicias: conversas com Hieronymus Bosch*, nasceu. Em busca de analisar simbolicamente a obra o Jardim das Delicias (1504), através da bibliografia da história da arte. A escolha de Carl Jung para ser o espectador e fruidor da obra é devido a sua afirmação “Bosch é o descobridor do inconsciente” (apud Silva; Ströher; Kremer. 2009, p.352).

Os objetivos principais de nossa pesquisa é conhecer a produção de um curta metragem de animação (do roteiro a execução), mas

também poder produzir uma nova possibilidade de interpretação dessa obra, aliados ao pensamento da Jung sobre os símbolos e os sonhos.

Assim a obra de Bosch e seu encontro com Jung reúnem algumas das principais forças temáticas (Amor -Sexual, familiar ou de amizade ou admiração, responsabilidade moral, salvação da alma; Fanatismo - Religioso ou Político; Avareza; Desejo de riquezas, de luxo, de prazer, de beleza, de honrarias, de autoridade, de satisfações de orgulho; Inveja; Ciúme e Ódio) para um bom roteiro, segundo o teórico francês Etienne Souriau (apud Ramos, 2010, p.8)

2 METODOLOGIA

Este projeto é dividido em três partes: pesquisa, roteiro e produção, no presente relatório são apresentadas a pesquisa e o roteiro⁵⁴. Os encontros do nosso grupo de pesquisa são quinzenais com uma hora de duração, nesses encontros foram discutidos os textos da pesquisa, que dão subsidiada fundamentação teórica do roteiro.

Na primeira parte ocorre a pesquisa sobre a obra de Hieronymus Bosch, o Jardim das Delícias, através dos seguintes autores Cumming (Para entender a arte, 1996), Jason (História Geral da Arte, 2001), Dicionário Oxford de Arte (2001), entre outras análises feitas da obra pelo próprio grupo. A partir desta análise criar um diálogo com do livro de Jung o Homem e seus símbolos (1964).

Na segunda parte é a produção de roteiro, é dividida em duas etapas: a pesquisa sobre como fazer um roteiro de animação e a criação

⁵⁴A produção do curta está prevista para os dois semestres de 2015.

do roteiro em si. Para a etapa da pesquisa são utilizados autores como Jason Surrel (Os segredos dos roteiros da Disney – Dicas e técnicas para levar magia a todos os seus textos ,2009), Jorge Furtado (introdução para cinema e televisão,2004), entre outros.

Na terceira parte, que será executada a partir do primeiro semestre de 2015, ocorrerá a produção do curta animado. Primeiro com uma pesquisa sobre algumas as técnicas da animação, para que possa ser feita a escolha da que usaremos para o curta. A partir desse ponto selecionar os materiais e programas necesserários para a criação do mesmo.

3 RESULTADOS

A primeira parte nos deu subsídios para a criação do roteiro, abaixo seguem algumas análises importantes para compreender a proposta do curta de animação *Jung no Jardim das Delicias: conversas com Hieronymus Bosch*.

O pintor e gravador holandês Hieronymus Bosch (1450-1516) deu vida a uma série de composições simbólicas complexas em sua obra O Jardim das Delicias. Há diversos elementos simbólicos que estão enraizados na cultura judaico-cristã, o paraíso ou Jardim do Éden, O Jardim das Delícias e O Inferno. Em cada um desses elementos podemos ver de forma pitoresca, criaturascaricaturais e diabólicas que apresentamos vícios, os pecados e os temores da vida do homem medieval, retratando o pecado e a tentação.

Para compreender um pouco melhor o que representa estes elementos para época de Bosch é preciso contextualizá-los dentro

do imaginário cultural que influenciou o pintor, o período medieval. Para esses o sagrado continha a resposta de todas as perguntas, era a essência da compreensão da vida. A natureza era uma força desconhecida, e para uma sociedade agrária:

o mau resultado das colheitas, as epidemias, a vida futura e incerta eram motivos de temor, e diante de uma natureza muitas vezes agressiva encontrava respostas às suas perguntas num mundo do Além. (Silva; Ströher; Kremer, 2009, p.352).

O universo do homem medieval era interpretado como um conjunto de símbolos. Eles também revelavam uma realidade sagrada e era preciso ser conhecedor deste significado sob cada representação simbólica para conseguir decodificá-lo em sua totalidade.

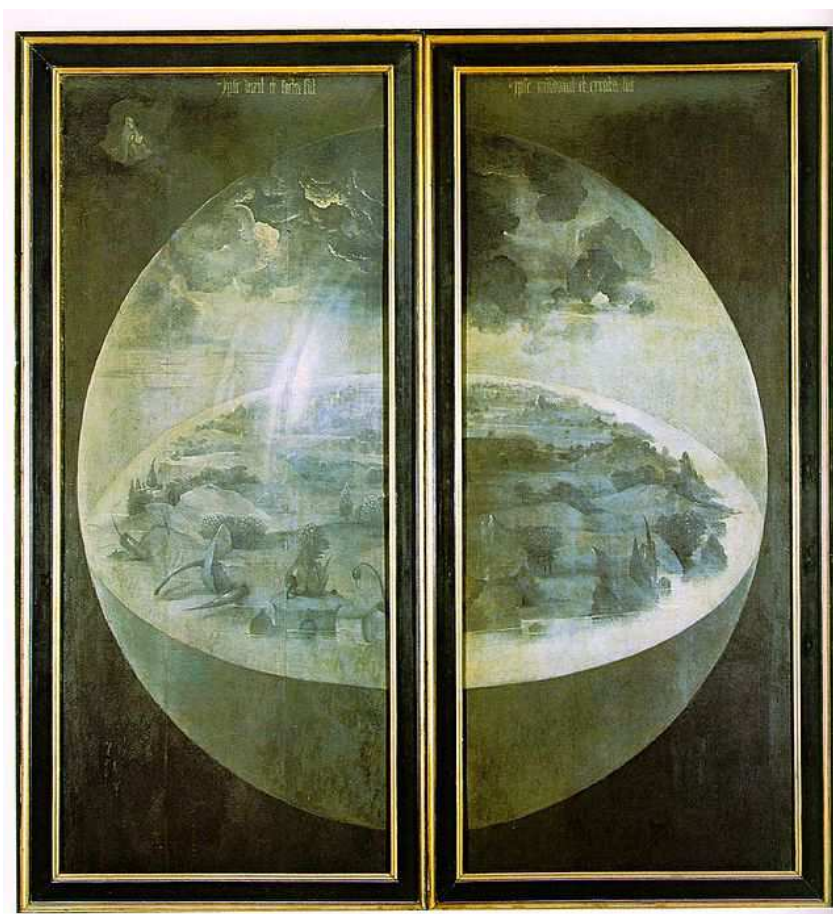


Figura 1- BOSCH, Hieronymus. O jardim das Delícias, 1504
Óleo s/ madeira. 220 cm x 389 cm. Museu do Prado. Madri
Tríptico Fechado. Globo.

Na obra de Bosch podemos ver muitos destes símbolos em cada uma das partes do tríptico, começando pelo lado exterior da obra. O tríptico fechado (fig. 1) mostra o terceiro dia da criação do mundo, apenas formas vegetais e minerais se encontram na terra, não pessoas nem animais. A frase extraída do salmo 33, "Ele o diz, e todo foi feito. Ele o mandou, e tudo foi criado" (*Ipse Dixit Et Facta S(ou)nt / Ipse Man(n)davit et creata s(ou)nt*), na parte superior da obra. Podemos ver uma terra plana, pois ainda se tinha a ideia de que o sol girava em torno do sol, também há uma relação direta com o céu e o inferno.



Figura 2- BOSCH, Hieronymus. O jardim das Delícias, 1504
Esquerdo: O Jardim do Éden, Central: O Jardim das Delícias, Direito: O Inferno

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.5, n.2 julho 2015

O lado esquerdo do tríptico é marcado pela harmonia e clareza, a suavidade é expressada através das formas e do movimento representados pelos animais, e pelas figuras centrais, Adão, Eva e Deus. Os animais presentes neste painel incluem o elefante e a girafa, que eram considerados exóticos pela cultura europeia. Há também que representam as criaturas monstruosas como a Ibis e a salamandra que são criadas com três cabeças. Segundo Mangel (2003) essas criaturas estão presentes nas tradições da Egito Antigo e da Suméria. A Fonte da Vida está presente no centro da composição, representada com pedras preciosas, para mostrar o valor único e puro dessas águas. No entanto para Cumming, esta cena mostra também uma outra visão, “a realidade e as consequências do primeiro pecado (a seu ver, o mais mortal): a luxúria” (1996, p. 24).

Na parte central da obra, estamos diante de um cenário de prazer, homens e mulheres se deliciam comendo frutos. Outros animais completam a cena: “divertindo-se na água e, aberta e desavergonhadamente, se deleitam com múltiplos divertimentos eróticos” (BOSING, 1991, p. 51). Há um pequeno lago cheio de mulheres, e homens à cavalo formando um carrossel. Entre diversos homens e mulheres brancas, destacam-se alguns negros no primeiro plano do quadro. O ato sexual foi visto de maneira paradoxal na Idade Média, dessa maneira toda essa nudez não pode ser analisada apenas como uma representação inocente. O casal dentro da bolha, embaixo na parte esquerda, representa a luxúria, assim como outras figuras que parecem se entregar ao amor carnal. Não há crianças nessa cena,

assim tal jardim nos mostra o amor lascivo que não tem fins da procriação, ao seja, convertidos em pecados. Segundo Bosi (1991), a representação dos morangos que aparece por toda a tela, também simbolizam a transitoriedade do prazer ao pecado.

Os símbolos eróticos do Jardim das Delícias nos leva ao próximo painel do tríptico, O Inferno. Nesta parte tudo remete a culpa do pecado e a condenação de cada um de nós, por isso a representação dos sete pecados. Ao fundo, as construções medievais, estão queimando ardentemente. A grandiosidade dos objetos, ampliam ainda mais a pequenez humana. Outra particularidade do inferno de Bosch é que a música está presente em todas as cenas, grandes ouvidos que esmagam os seres, os instrumentos musicais tornam-se instrumentos de tortura e castigam veemente aqueles que dela deleitaram se na Terra. A obra de Bosch mostra um inferno que representa bem a crença de sua época baseada no maniqueísmo do bem e do mal.

O Jardim das Delícias, assim, pode ser considerado como uma obra simbólica que represente o imaginário da cultura medieval europeia, e mais tarde da cultura ocidental. Para dialogar com esta obra e aproximar o próprio símbolo para o nosso tempo, escolhemos o pensamento do psiquiatra e psicanalista suíço Carl Jung(1875 – 1961), e sua leitura sobre os símbolos. Para Jung (1964, p.20):

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós.

Assim quando uma palavra ou imagem, reflete algo além do seu significado imediato, pode ser considerada como simbólica. Quando temos acesso a um símbolo a mente é levada a ideias que estão fora do limite racional. Segundo Jung (1964) a imagem de uma mandala ou mesmo um simples círculo pode nos levar a ideia do “divino”, no entanto em nossa limitação intelectual, não conseguimos definir ou compreender em sua totalidade o que é o “divino”, o que torna frequente a utilização de símbolos para coisas fora da compreensão humana. Por esta razão a maioria das religiões empregam uma linguagem simbólica para dar vida a suas crenças. Como pode ser visto na obra de Bosch, que mostra simbolicamente a crença religiosa na cultura judaico cristã medieval. As demais anotações da pesquisa foram colocadas como parte do roteiro para o curta de animação.

4 ROTEIRO PARA ANIMAÇÃO: Jung e o Jardim das Delícias: conversas com Hieronymus Bosch (Thais Hayek, Rodolfo Dias, Raimunda Freire, Leonardo Gomes da Silva, Rosana Godoy)

SINOPSE: Uma visita de Carl Jung ao quadro de Hieronymus Bosch.

PARTE 1: A contemplação da obra por Jung, Cenário - museu

CENA 1: Em Frente ao museu do Prado. A câmera vai aproximando até a entrada do museu. Percorre o museu até a obra, a câmera é o olhar de Jung.

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.5, n.2 julho 2015

Pensamento de Jung

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. Conhecemos o objeto, mas ignoramos suas implicações simbólicas. (O Homem e seus símbolos. 5 edição, 1964. pg 21

Jung entra no museus e percorre um corredor até aproximar se da obra. Ele contempla-a a obra.O tríptico semi aberto, mostrando o globo terrestre da parte de trás da obra. Jung adentra a obra para ver o que há por dentro da obra.A obra está na parede branca com uma legenda da obra.

Pensamento de Jung:

O arquétipo das ideias religiosas possui, como todo instinto, a sua energia específica, que ele não perde ainda que sua consciência o ignore. Assim como pode ser afirmado com a maior probabilidade que todo ser humano possui todas as funções e qualidades humanas médias, podemos supor a presença de fatores religiosos normais, isto é, de arquétipos, e essa expectativa não falha como é fácil reconhecer. Ninguém escapa do pré- conceito da condição humana. (Os arquétipos e o inconsciente coletivo / CG. Jung ; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Perrópolis, RJ : Vozes, 2000.p. 75

CENA 2: Quando ele chega mais perto para procurar Bosch no quadro, o quadro se fecha levando-o para dentro da tela (neste momento aparece um zoom). E mostra Jung de longe dentro da obra.

Em plano panorâmico o mundo fantástico da obra de Bosch ofusca o olhar de Jung que observa confuso e ao mesmo tempo maravilhado com o deslumbrante e misterioso cenário. O plano muda para primeira pessoa na visão de Jung que admira perplexo os seres extraordinários caminharem harmoniosamente sem se importar com a presença da recém chegada visita. Ainda permanece o plano em primeira pessoa mostrando Jung olhando para o céu que pairam as aves e, olhando ele ao horizonte visualiza descansarem montes de aspecto jamais visto ou imaginado.

Pensamento de Jung: É esse o lugar para onde sempre ansiou em busca, o ser humano desde tempos remotos estar? É esse o Mundo das ideias a que Platão se referiria, o Paraíso o início e o começo de tudo?

Pensamento análogo: Como foi ele parar num lugar como aquele e o que tudo isso queria lhe dizer *sub specie aeternitatis*?! Jung ainda continua indagando questões desse gênero, entretanto logo perdem a força e somem de sua mente quase que de imediato mediante á fabulosa visão.

PARTE 2: Entrada de Jung no Éden. Cenário- Jardim do Éden (Bosch)

CENA 1: Jung está no canto esquerdo inferior no quadro, caminha lentamente em direção a Adão, Eva, Senhor. Movimento lento e contínuo dos três últimos personagens. Bosch começa a conversar com Jung mas não ainda não aparece na animação.

Bosch: - Estás em um lugar delicado e complexo, o Paraíso, no momento da criação de Eva e da Fonte da Vida.

Jung: -Quem é você? Onde está?

Bosch: -Eu sou o criador deste universo em que estás agora, sou Hieronymus Bosch. Agora sobre onde estou, saberá no momento oportuno.

Jung: - Prazer sou Gustav Jung e estudo a mente humana. Muito me interesse por suas obras, mas está em especial. Conte-me então um pouco mais.

Bosch: -Antes de contar-lhe mais, devo avisar-lhe que em minha época, o universo é interpretado como um conjunto de símbolos, é a nossa forma de expressão mais singela, de exteriorizar seus sentimentos mais profundos. Agora lhe falarei um pouco mais sobre o Éden. Veja, Adão acabou de acordar e o Senhor está apresentando sua criação.

Adão abre seus olhos e o Senhor aproxima lentamente Eva ao homem.

CENA 2: Jung começa caminhar lentamente em direção a Fonte da Vida, enquanto Bosch continua sua explanação.

Bosch: - Vejo que também está em busca da Fonte da Vida, mas não se engane ela está rodeada de água, mas sem um acesso direto, porque simboliza a tentação e a falsidade presentes até mesmo no Paraíso.

Jung desce o caminho até a Fonte da Vida e some pelo bosque, a tela vai escurecendo por completo

PARTE 3: Entrada de Jung no Jardim das Delícias. Cenário- Jardim das Delicias (Bosch)

CENA 1: A cena abre no Jardim das Delicias, Jung aparece no canto esquerdo caminhando em direção ao centro. Ele conversa com Bosch.

Jung: - Suponho que a busca a fonte da Vida me trouxe a outro lugar. Tão... tão...

Bosch: - Vivo!? Sim, meu caro. Estás no Jardim das Delicias onde todas as criaturas do imagético medieval podem correr soltas.

Close no círculo de homens à cavalo movendo-se como um carrossel gigantesco em volta de um pequeno lago repleto de mulheres.

Jung caminha em direção ao carrossel.

CENA 2:

Bosch: o erotismo é destaque, veja um grupos de homens e mulheres despídos saboreiam frutos, em convívio os outros animais, divertem se na água e, aberta e desavergonhadamente, se deleitam com múltiplos divertimentos eróticos.

Close nos casais da parte inferior- câmara vai movendo-se lentamente. Alguns casais serão animados.

Bosch: O que está oculto é que os frutos mordidos pelos amantes no jardim são metáforas dos órgãos sexuais; os peixes são um símbolo fálico; colher frutos é um eufemismo ato sexual. Eo jardim, durante séculos, é considerado o ambiente por excelência para os amantes e os

prazeres amorosos. Mas não se engane, afinal o ato sexual é visto com profunda desconfiança, como um mal necessário ou um pecado mortal.

A cena fecha no lago central, escurecendo por completo

PARTE 4: Entrada de Jung no Inferno. Cenário- Inferno (Bosch)

CENA 1: Abre a cena com close no sorriso de Bosch os dois se olham nos olhos pela primeira vez. Jung está dentro da gaiola cobre a frente de Bosch. Som dos instrumentos vai aumentando cada vez mais.

Bosch: Agora já sabe onde me encontro, estou no centro do Inferno, um inferno musical

Jung: Enfim nos conhecemos. O inferno é um lugar quente e barulhento.

Bosch: - O que querias sombra, silêncio e água fresca? É para este lugar que vamos todos aqueles que estão contra os princípios de Deus. E a música, ah a música ela também pode nos trazer para cá. Bem como os sete pecados capitais, se olhar para dentro de si, notará que este também é seu lugar.

Jung: -Então você acredita que a humanidade inteira não tem salvação, e tudo se resume em pecado caro amigo.

Bosch: - Salvação até tem o problema é o é que há uma tênue que separa a verdade da vaidade, a sanidade da loucura.

Jung: Entendo...

CENA 2: Jung escorrega para a água e andando calmante em direção ao primeiro plano da obra, enquanto Bosch vai explicando sua própria visão do inferno.

Bosch: Tudo aqui remete ao pecado, à culpa que se paga, à punição dos condenados. É a visão mais violenta do Inferno. As relações entre caça e caçador se invertem, veja como o coelho carrega sua vítima sangrando numa vara. Os objetos são enormes frente a pequenez humana. Os demônios atam o pescoço de um indivíduo a um alaúde, uma figura está presa numa harpa e outra foi introduzida num instrumento de sopro, já que a música é luxuriosa, por isso transformei instrumentos musicais em instrumentos de tortura.

Jung: - E da onde veio tanta inspiração?

Bosch: - Do lado sombrio da natureza, do mal, do sonho, do espírito da terra. Este, meu caro, o mundo que vivo, é isto que retratei nessas pinturas.... Aproxime-se um pouco mais e veja em volta da fossa, podem reconhecer-se outros pecados. O preguiçoso é visitado na sua cama por demônios, o comilão vomita a comida e a mulher tem de admirar a sua imagem refletida nas nádegas de um demônio. O grupo ao redor da mesa é castigado pelas devassidões cometidas em jogos e tabernas. A luxúria é condenada pela porca com touca de freira apaixonada pelo homem.

Jung: Meu caro, você é o descobridor do inconsciente.

Bosch: E o que seria?

Jung: O inconsciente possui é a parte da mente que guardamos os conteúdos *reprimidos*, mas todo o material psíquico que subjaz ao limiar da consciência.

Bosch: Uma mente dentro da mente?

Jung: Poderíamos usar esta imagem para uma representação.

Jung caminha até o monstro com cabeça de pássaro, embaixo à direita e assim como as almas condenadas e defecado em uma fossa que se dirige ao abismo.

PARTE 5: Retorno ao museu

CENA 1:Do abismo a cena se abre no retorno de Jung ao retorno de Jung ao museu. Mostra apenas Jung de costas caminhando em direção a saída. E sai do museu com uma sensação de não saber se observou ou foi observado.....

Pensamento de Jung

Diante destes fatos devemos afirmar que o inconsciente contém, não só componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletiva, sob a forma de categorias herdadas ou arquétipos. Já propus antes a hipótese de que o inconsciente, em **seus** níveis mais profundos, possui conteúdos coletivos em estado relativamente ativo; por isso o designei inconsciente coletivo. E na obra de Bosch fica muito claro esta relação, ele da vida ao inconsciente coletivo de sua época, um terra onde

o Inferno tem grande força, a mesma força que o céu.

CENA 2:

Ao sair do museu percebe,que está em seu consultório e que tudo não passou de um sonho tão real que pensou ser verdadeiro.O que o leva a seu derradeiro pensamento.

Pensamento de Jung

O estudo do homem e dos seus símbolos é, efetivamente, um estudo da relação do homem com o seu inconsciente. E desde que o inconsciente é o grande guia, o amigo e conselheiro do consciente, este sonho está diretamente relacionado com o estudo do ser humano e de seus problemas espirituais que tenho me dedicado. Conhecemos o inconsciente e com ele nos comunicamos (um serviço bidirecional), sobretudo através dos sonhos; e do começo ao fim deste sonho fica patente quanta importância é dada ao papel do sonho na vida do indivíduo.

5 DISCUSSÃO

A análise sobre a pesquisa e depois a criação do roteiro, ampliou nossa percepção sobre as possibilidades simbólicas presentes na obra e na explanação de Jung sobre os símbolos e os sonhos. Na primeira parte da pesquisa todos os integrantes colaboraram com o estudo dos autores citados, fizemos discussões quinzenais para selecionar o que da vasta análise desta obra iríamos colocar no roteiro. Também foi muita importância a pesquisa sobre como elaborar o roteiro, e o que animar

dentro de cada um dos quadros (está parte ainda será um pouco mais desenvolvida).

Assim pudemos trabalhar com cada uma das linhas de pesquisa, já que boa parte do trabalho buscou fontes digital, através de livros em PDF, e pesquisa no museu virtual do Prado. Dessa maneira, a discussão gerada a partir da pesquisa e criação do roteiro, nos levará ao próximo passo da pesquisa que é a produção do curta metragem

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações que pudemos alcançar até o presente momento da pesquisa, nos levam a pensar que um encontro entre Jung e Bosch, não poderia ser mais fecundo. O artista que representa por meio das imagens todo um imaginário religioso do pecado e da virtude, e um pensador que desvenda estas mesmas questões ontológicas pelo prisma do simbolismo, mostrando as complexidade da arte e suas relações com o inconsciente. Agora, poderemos dar continuidade e produzir o curta metragem animado *Jung no Jardim das Delícias: conversas com Hieronymus Bosch*.

REFERÊNCIAS

BOSCH, H. ***Coleção Mestres da Pintura***. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

BOSING, Walter. ***Hieronymus Bosch cerca de 1450 a 1516: entre o céu e o inferno***. Köln: Taschen, 1991.

CUMMING, Robert. ***Para entender a arte – os mais importantes quadros do mundo analisados e minuciosamente explicados***. São Paulo: Ática, 1996.

DICIONÁRIO OXFORD DE ARTE. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FURTADO, JORGE. ***Introdução ao roteiro para cinema e televisão***: 2004.

GOMBRICH, Ernest Hans Josef. ***A História da arte***. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

JANSON, H.W. ***História Geral da Arte***. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JUNG, C.G. et all. ***O homem e seus símbolos***. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1964.

MANGUEL, Alberto. ***Lendo imagens: Uma história de amor e ódio***. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MASSARANI, S. ***Elementos Fundamentais de uma História***. Disponível em: <http://www.massarani.com.br/Rot-Historia-Roteiro-Cinema.html>Acesso: Out/2014.

MUSEU DO PRADO. Obra o ***Jardim das Delicias***, 1504.
Disponível em
:<https://www.museodelprado.es/pradomedia/multimedia/el-jardin-de-las-delicias-el-bosco->

[1/?pm cat=2&pm subcat=11&pm video=on&pm audio=on&pm interativo=on](#). Acesso: Set/2014.

OFICINA VIRTUAL DE ROTEIRO TELA BRASIL. Disponível em: <http://www.telabr.com.br/oficinas-virtuais/sala/roteiro>Acesso: Out/2014.

SILVA, V.C.; VISALLI, A.M. **A morte e o medo na obra de Hieronymus Bosch**

Disponível em:

http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/a_morte_e_o_medo_na_obra_de_hieronymus_bosch.pdfAcesso: Set/2014.

STRÖHER, C. E.; KREMER, C.S. **Os pecados e os prazeres terrenos no Jardim das Delícias de Bosch**. Revista do Corpo Discente do PPG História, da UFRGS. Num. 7, vol. 3, Fevereiro 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16015>Acesso: Set/2014.

STRÖHER, C. E.; KREMER, C.S.; SILVA, E. **Hieronymus Bosch: O pincel do imaginário medieval**. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História UEM, vol. 13, núm. 2, 2009, pp. 349-370. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526878005.pdf>. Acesso: Set/2014.

SURREL, JASON. **Os segredos dos roteiros da Disney – Dicas e técnicas para levar magia a todos os seus textos**. Panda Books, 2009.

RAMOS, V. T. **Roteiro para curta metragem de animação sem diálogos: a construção da narrativa sob a inferência da subjetividade e da técnica**. Curitiba, UTP, 2010.